

Nelson Mandela uma luta pacífica

Ele ficou preso por 27 anos, seis meses, seis dias, uma hora e trinta minutos, isolado como terrorista pelo regime racista sul-africano. Solto, comanda uma revolução pacífica para acabar com a segregação que mantém 25 milhões de negros à margem de uma sociedade feita para cinco milhões de brancos. Na cadeia, não tinha rosto, porque nem mesmo retratos seus podiam sair do confinamento. Hoje, sua fisionomia é reconhecida internacionalmente como símbolo da luta de um povo. Negro num país onde só brancos têm direitos políticos, é um dos homens mais autenticamente poderosos do mundo. Com Nelson Mandela chega hoje ao Rio uma das mais impressionantes encarnações da História deste século.

A lenda de Nelson Mandela, hoje com 73 anos, começou há quase 30, em 5 de agosto de 1962, quando foi condenado à prisão perpétua por subversão e luta armada para a derrubada do governo sul-africano. Mandela era advogado, o que nunca exerceu, e um importante líder e incentivador do **Umkhonto we Sizwe** (Lança da Nação), braço armado do CNA, Congresso Nacional Africano, organização

que combatia – e combate – o regime segregacionista na África do Sul. Hoje, o CNA aposta quase todo o seu cacife político no carisma dele, seu presidente desde o mês passado, para derrubar um dos últimos **muros do planeta**: o que separa negros e brancos em seu país.

Desde o final do ano passado, Mandela tem se sentado à mesa para negociar com o presidente sul-africano Frederik Willem de Klerk, o responsável pela **abertura** sul-africana, que teve seus pontos altos justamente na libertação de Mandela e na legalização do CNA.

Mas ainda falta muito. Mandela exige a volta de milhares de exilados, a libertação dos presos políticos, a formação de um governo de transição e eleições livres gerais. Klerk, branco, integrante de uma elite que há décadas domina o país, pisa em ovos, apesar da disposição para comandar uma virada de mesa no país tão impressionante quanto as reformas de Gorbachev na URSS.

Enquanto esteve preso, Nelson Mandela transformou a prisão de Pollsmoor, Cidade do Cabo, num dos principais centros de atividade política do país. Dali, com ajuda de funcionários e, nos últimos tempos, de um aparelho de fax, liderou seu povo e manteve-se sempre em evidência. Na cela de 84m2, onde

lhe coube viver por quase três décadas, desenvolveu uma rotina espartana. Fazia duas horas de ginástica por dia para manter em forma e elegantes seus 1,90m de altura. Afinal, um líder de massas que esteve **invisível** por tanto tempo, não poderia decepcionar na saída. O resto do tempo – muito tempo – dedicou ao estudo e desenvolvimento de seu pensamento político ou à leitura de romances e biografias de artistas. Também cuidava de uma pequena horta e meditava, como bom metodista praticante que é.

No dia 11 de fevereiro de 1990, quando finalmente foi libertado, Mandela deixou de ser um líder **invisível**, mas permaneceu uma lenda. Por trás da aparência elegante e do jeito de homem pacato, habita um revolucionário que está longe de se dar por satisfeito com as conquistas deste pouco mais de um ano em liberdade. Ao sair da prisão, fez questão de repetir as palavras que disse em seu julgamento: “Lutei contra a dominação branca e contra a dominação negra. Acalentei o desejo de uma sociedade democrática e livre em que todas as pessoas vivessem juntas, em harmonia e com iguais oportunidades. É um ideal pelo qual espero viver, e ver se concretizar. Mas se for necessário, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer.”